

CAMINHOGRAFIA EM TEMPOS DE COVID-19: EXPERIÊNCIAS NA ORLA DO LAGO GUAÍBA EM PORTO ALEGRE/RS

JORDANA DA SILVA BERCHON¹; EDUARDO ROCHA²

¹Universidade Federal de Pelotas – jsberchon@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com a chegada da síndrome respiratória aguda grave SARS-CoV-2 (COVID-19) provocou diversas transformações urbanas e sanitárias impondo-nos uma reestruturação no modo como os espaços de vida citadinos são configurados. Em poucas semanas, o mundo passou a ser mediado por discussões acerca de um “novo normal”, pautado por taxas de transmissibilidade, letalidade e protocolos para se conviver em sociedade. Em referência à esta situação, Giselle Beiguelman (2020) diz que o espaço público (...) foi sua primeira vítima fatal, e dele, outros sinais foram sendo evidenciados, sobretudo devido à perda de mobilidade dentro dos espaços urbanos.

Diante deste contexto, o objetivo da pesquisa é trazer múltiplos sentidos das manifestações tanto do corpo da cidade quanto dos corpos que nela permeiam ao relacionar as questões urbanas, sociais e subjetivas. Com isso, a pesquisa busca entender essa nova dinâmica do cidadão pandêmico ao se relacionar com a cidade e suas complexidades no centro histórico no município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, um novo tipo de realidade, um novo modelo de verdade (DELEUZE, 1995).

Deste modo, a partir da cartografia e do caminhar, busca-se resultados da interação entre corpo e cidade que mobilizam sensações e ações tanto na escala individual quanto coletiva através dos afetamentos agenciados, mesmo que involuntariamente, através da simples experiência urbana. A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade (JACQUES; BRITTO, 2008).

Por isso, a ideia condutora seria o corpo perante a cidade, ou como diz Milton Santos (2001), da corporeidade dos homens lentos, ou seja, a simples vivência do corpo citadino cotidiano. Deste modo, busco entender como estes processos e leituras constituem-se faz importante para compreensão de como o habitar urbano contemporâneo na pandemia se constrói a partir de suas relações, ocupações e passagens, tanto de quem habitou essa cidade não habitada, nos momentos de isolamento mais rígido, quanto no reencontro das pessoas com esses lugares, e a nova maneira se de relacionar com o espaço urbano.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a caminhografia urbana, uma união teórica da cartografia proposta por Deleuze e Guattari (1992; 1995; 1996; 1997), juntamente com a prática da errância urbana de Paola Jacques (2012), a cartografia urbana de Virgínia Kastrup (PASSOS 2015) e o caminhar como modificador urbano de Francesco Careri (2013), abrindo espaço para uma forma de coleta de dados subjetiva, buscando entender os processos urbanos contemporâneos. A

caminhografia urbana busca identificar as dinâmicas da cidade citadina, bem como o processo em desenvolvimento do trabalho.

Deleuze e Guattari (1995) seguem a linha que a cartografia não é uma atribuição, mas uma atividade. Com isso, cartografar a cidade e suas interfaces, cria-se novas maneiras de expressar afetos contemporâneos perante ao território partindo do corpo que nela reside. É tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (ROLNIK, 1989).

A caminhografia urbana será construída tendo como inspiração de uma metodologia experimental que parte da ideia de um Rizoma. Este conceito delineado conjuntamente por Deleuze e Guattari (2011) viabiliza que determinadas configurações no ato de cartografar propiciem a coexistência de leituras múltiplas sobre o espaço urbano. Segundo eles, na lógica rizomática são produzidos mapas, ao invés de decalques, porque o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para abertura máxima sobre um plano de consistência (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Deste modo, verifica-se que seus modos operativos contribuem para que tanto sua produção quanto experimentação despertem agenciamentos outros, uma vez que são forjados a partir dos espaços intervalares, sem início ou fim, mas entre meios, como uma cartografia aberta.

Devido a sua possibilidade de múltiplas entradas, esta proposta cartográfica visa identificar as mudanças que o espaço sofreu com a pandemia da Covid-19 como fator norteador, tornando-se suscetível os cruzamentos e sobreposições que se conectam e inter cruzam sem nenhuma linearidade, proporcionando uma experiência por diferentes olhares e fluxos de intensidade, seja individual ou coletivo, porque não se traduz uma estaticidade do pensamento. A caminhografia urbana proporciona uma experiência que se faz em cima de uma multiplicidade, movendo-se sobre ela, não criando cópias, mas agenciamentos concretos do múltiplo

A metodologia se utiliza do caminhar, registrar e jogar junto ao meio urbano, tendo como propósito auxiliar o processo investigativo da cidade real e cotidiana, trazendo reflexões e narrativas urbanas das mudanças que a Covid-2019 trouxe para o centro histórico de Porto Alegre e os que nela habitam. Leva-se em consideração essas modificações tanto nesse momento de flexibilização, quanto no momento de isolamento social, naqueles que porventura habitou esses espaços adversos em meio os protocolos restritivos de isolamento social.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa está em um estágio inicial, onde delimito o método de pesquisa, percursos, olhares e sensações. Deste modo, a cada caminhada, seja em grupo ou sozinha, nas diferentes intempéries e horários, escrevendo em um caderno de campo ou fotografando, por exemplo, terá como objetivo mobilizar os sentidos e sensações perante essa cidade experimentada depois de vivenciar uma pandemia mundial, possibilitando aberturas para caminhos que fossem

partilhados dentro do que era acometido ao trazer elementos que tensionam a construção de uma caminhografia urbana dos afetos e do viver no centro de Porto Alegre.

Deste modo, delimita-se uma área exploratória, mas precisamente parte da orla do lago Guaíba, como mostra na figura 1. Nesse contexto urbano contemporâneo na pandemia do Covid-19, analisamos a partir da caminhografia urbana e seus conceitos, considerando os materiais levantados através da produção de mapas, fotografias, vídeos, registros sonoros, colagens, anotações em caderno de campo, entrevistas, desenhos e croquis.



Figura 1: Mapa situando área de estudo; imagens da área em estudo. Fonte: Google Maps, ilustrado pela autora; autora, 2022.

4. CONCLUSÕES

O trabalho iniciado busca entender as novas mudanças no espaço urbano cotidiano, tendo como método a caminhografia urbana. Deste modo, o objetivo é observar e vivenciar a retomada das atividades habituais da sociedade perante as flexibilizações sanitárias, dentro do contexto vigente das novas ocupações urbanas oriundas da Covid-19 na orla do lago Guaíba no centro da cidade de Porto Alegre. O propósito não é apenas a complexidade do contexto atual vivido,

mas sim, a subjetividade dela, as mudanças significativas no corpo da cidade, e nos corpos que nela penetra, desenvolvendo um senso crítico, ético e poético.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida**: pandemia, cidade e cultura urbana. São Paulo: ECidade, 2020.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**, o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol. 1.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. **Corpografias urbanas**: relações entre o corpo e a cidade. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Milton. **Elogio da lentidão**. São Paulo: Folha de São Paulo, 11 mar. 2001.